

ENCLAUSURAMENTO DO HOMEM E VIAGEM DO ESPÍRITO

ENCLOSURE OF THE MAN AND JOURNEY OF THE SPIRIT

Bruno Sérgio Franklin de Farias Gomes¹³

RESUMO

O presente ensaio tem como linha de interseção dentre os diversos caminhos possíveis sobre a organização espaço-territorial da humanidade, a apresentação substancial do filósofo Alemão – *Peter Sloterdijk* – de uma teoria filosófica da globalização. Dando ênfase aos livros “Esferas II: Globos, macrosferologia” e “Palácio de Cristal: para uma teoria filosófica da Globalização” com a idéia de que a globalização terrestre (geográfica) não poderia ser possível sem uma globalização metafísica, sem uma viagem do espírito.

PALAVRAS-CHAVE: Peter Sloterdijk. Esferologia. Globalização. Geografia. Filosofia.

¹³ Graduado em Comunicação Social, mestrando do PPGCS/UFRN e pesquisador do Grupo de Estudos da Complexidade – GRECOM.

Peter Sloterdijk estudou Filosofia, germânica e história nas universidades de Munique, Hamburgo e hoje é professor de Filosofia e Estética na “Hochschule für Gestaltung” (Escola de Design) na Karlsruhe, sua cidade natal. O professor segue uma tradição filosófica de autores do século XIX como *Marx, Kierkegaard, Nietzsche*, e segundo o site da universidade alemã, seu modelo de investigação filosófica não só o configura como um membro do corpo docente, mais também um dos pensadores mais originais e provocativos da atualidade.

Sua contribuição científica se tornou mais conhecida a partir do livro *Crítica da Razão Cínica (1983)*, uma das principais obras de filosofia debatida na Alemanha. Contudo, outros trabalhos de semelhante modo formam seu importante legado como: *Eurotaoísmo (1989)*, *No mesmo barco (1994)*, *Um estrangeiro no mundo (1998)*, *Normas para o parque humano (2000)*, *O Pensador no palco (2000)*, *A Árvore Mágica (1986)*, *Filosofia de Platão a Foucault, temperamentos (2009)*, bem como a trilogia formada pelas *Esferas I, II e III*.

O segundo volume da trilogia, o livro “*Esferas II: globos, macrosferologia (2004)*”, é o ponto de ebulição de nosso diálogo sobre este ensaio. Nele, Sloterdijk estabelece os parâmetros teóricos propositivos sobre uma globalização que parte da filosofia. Um dos contextos históricos apresentados é o da Torre Annunziata (uma imagem provavelmente do Século 1 a.c) na qual sete sábios¹⁴ norteados por um modelo comum, baseado no pensamento helenístico, se reúnem em um bosque sagrado fora da cidade e ao centro se encontra uma esfera. Um objeto de veneração, investigação que passa a formar um novo ritual de pensamento e questionamento para os personagens. Estes, situados de costas para a cidade, representam uma atitude emancipada da polis. E neste presente contexto, cria-se um império da ontologia, na qual tudo o que existe está dentro da esfera. Iniciando-se um processo de globalização filosófica a partir da geometrização do céu de Platão e Aristóteles

¹⁴ Aparecem em listas diferentes de mais de vinte nomes, dos quais apenas quatro são canônicos: Tales, o protofilósofo, Bias de Priene, Sólon, o legislador, e Pittacus de Mitilene. Também aparecem frequentemente Quilon de Esparta, Corinto e Periander Cleobulus Lindos. Como características melodias, cada um destes estudiosos são atribuídos avisos máximo ou típicos: “Salvar como” (Tales); “A maioria dos humanos são maus” (Bias); “Em excesso de qualquer coisa” (Sólon); “O lucro é insaciável” (Pittacus); “Conhece a ti mesmo” (Quilon) e “Salvar como é melhor” (Cleobulus). (SLOTERDIJK, 2004. p. 881).

passando para novas áreas como a terra, os navios, as capitais e outras “arcas e muralhas” produzidas pelo homem.

O método utilizado por Sloterdijk (2004) situa-se no lugar, pelo qual, se fala, ou seja, ao oposto dos questionamentos metafísicos “quem?” e “como?”, sua proposta esferológica passa a questionar-se: onde está o indivíduo? Com base nessa atividade, pode-se encontrar a resposta: ele faz parte de uma paridade, constitui um par. Uma forma esférica primária representada, sobretudo, por sua estrutura invisível.

O resultado do primeiro volume foi o reconhecimento de que só usam o microcosmo para a palavra para casais, e não para indivíduos, o que significa, evidentemente, uma clara ruptura com a tradição metafísica. Toda a história é a história da animação que surgem a partir da distribuição e partilha de dois espaços. (SLOTERDIJK, 2004. p. 141)

Neste sentido, a constituição da relação dual estabelece a condição inaugural de um processo de globalização a partir da filosofia. Pensando sob determinado reducionismo, apenas para entender inicialmente esta estruturação cognitiva, pensemos no processo de significação como, por exemplo, da linguagem. A atividade que permite estabelecer e renovar as relações entre os indivíduos. Por meio dela, o homem manifesta seus pensamentos e sentimentos. Representando então, um sistema articulado de signos, instrumento que possibilita a comunicação e, portanto, manifestando-se em diversos segmentos da vida, tanto no campo verbal quanto no não-verbal. Deste modo, comunicar é uma forma de ação e manifestação das idéias através dos signos, o que representa à manifestação simbólica do nosso plano mental. Segundo Maingueneau (2005), quando interagimos através da linguagem, temos sempre objetivos, fins a serem atingidos e a relação que desejamos estabelecer é norteadas por sentidos e marcas lingüísticas ancoradas no autor. Neste sentido a comunicação, por conseguinte, trata-se de uma ação que de maneira sine qua non, não existe interação sem a presença do outro, da parte que configura o sistema de compartilhamento do fluxo de significação. Como estamos trabalhando neste instante com a linguagem como uma matriz para pensar a contribuição de Sloterdijk (2004), de maneira gráfica

a palavra indivíduo representa uma significativa estruturação deste conteúdo. Partindo esta expressão da seguinte forma – *in + divíduo* – chegamos à noção que o autor trabalha inicialmente. A qual cada pessoa, só tem representação diante do outro que possibilita esta soma entre os *divíduos*, divididos entre espaços e territórios. Maingueneau (2005) afirma que o sentido dos enunciados situa-se em três instancias. A primeira reside na interação construída pelos interlocutores, como um processo de participação entre esses personagens do processo comunicacional. A segunda carga fenomênica que colabora para a significação é o enunciado, as marcas lingüísticas, ou o que podemos chamar de co-texto: a estrutura lingüística. E por último, por meio do ambiente físico, conhecimento de mundo e outros fatores correspondentes a realidade do receptor. Semanticamente, uma importante contribuição. Contudo, Sloterdijk (2004) afirma que a diferença primordial topológica entre interior e exterior – entre nós mesmos e não entre nós mesmo – em princípio não tem sinalização materiais sólidas. São apenas intencionalidades, possibilidades. Portanto, a objetivação lingüística a determinados fins representa inicialmente, nada mais que uma comunicação intrapessoal antes de estabelecer a significação pelos *divíduos*. Assim, o outro é fundamental porque entendemo-nos a partir do outro. E conseqüentemente, ainda que não alcancemos o entendimento do outro, somos compreendidos a partir do que imaginamos ser o semelhante. Deste modo, cada pessoa é singular e plural em uma sociedade uterotécnica¹⁵. “[...] é para essa distinção pela qual a endosfera rompe com a exosfera, ela é também aquele que decide o que entra e quais são as circunstâncias. (SLOTERDIJK, 2004, p. 180). Portanto, o que reside no interior é da ordem da permissão, da escolha. Somos desta ou de outra forma porque consentimos tal possibilidade de interação como o ambiente.

Para Appadurai (2004), professor de antropologia e de línguas e civilizações da Ásia meridional da universidade de Chicago, conhecer o mundo moderno é entendê-lo como um sistema interativo, um conglomerado de interações em larga escala. Estas interações são de nova ordem e nova intensidade. No passado as transações culturais entre grupos sociais se davam por fatores ligados à geografia e a ecologia, ou ainda, por resistências na

¹⁵ Toda a sociedade tem que extrair de si mesma a proteção através da qual ela mesma se torna possível.

interação com o outro. Neste sentido, as transações culturais duradouras em grande parte do globo estiveram relacionadas com as viagens de longo curso das mercadorias e de viajantes e exploradores de todos os tipos. Como cita,

As forças de gravidade cultural pareciam puxar sempre para longe da formação de ecúmenos em larga escala, sejam eles religiosos, comerciais ou políticos, para acreções de intimidade e interesse de escala menos. (APPADURAI, 2004. p. 44).

Assim, existiram duas forças de interação de culturas duradouras antes do século das grandes navegações: a guerra (sistema político que a geraram) e a religião (tiveram a guerra como um instrumento legítimo de expansão). Podemos dizer que essas forças são as primeiras manifestações da globalização.

Sloterdijk (2008) apresenta também esta globalização a partir da ordem dos impérios pré-modernos, como a navegação transatlântica dos primeiros tempos caracterizada por uma técnica informal da ekstasis. Associando o papel dos descobridores nas grandes navegações a um patamar análogo ao caminho tomado pela religiosidade. Os descobridores, “[...] semelhante aos xamãs de uma religião não escrita, obtiveram informações provenientes de um Além significativo”, diz Sloterdijk (2004, p. 86). Estes, encarregados em estabelecer o início do processo do sistema mundo, não tinham a ligação com o alto, como os religiosos, mas ao distante próximo, terrestre, acessível.

Não poderíamos deixar de relatar o alto preço pago pelos navegantes, ao buscar um futuro seguro no novo horizonte, se deparando com inúmeros fatores negativos como os duradouros jejuns involuntários ocasionados pelas travessias demoradas; tortura do tédio durante a bonança; privação do sono provocada pelo calor, pelo frio, pelos maus cheiros, pela limitação da embarcação, pelo ruído e outros fatores específicos a embarcação. O notório, estabelecido pelo autor, é o sentimento frequente de medo entre a tripulação, gerando irritação constante e inclusive possíveis loucuras. Fato proveniente da lei do mar: a alternativa de chegar às “coisas últimas”, a um porto ou a morte.

Foucault (1997) estabelece uma distinção entre os loucos e os delinquentes. Os loucos são exemplificados pelos tripulantes colocados em navios para viajar de cidade em cidade. Estabelecendo um ideal de purificação

da loucura, uma constituição no fora, que mesmo na tentativa de passar ao outro esférico, continua na mesma esfera. Já os delinqüentes, referem-se aos que tem sua vida cerceada pelo aprisionamento. No período da Renascença, as viagens dos Loucos representou um espaço fundamental, pois, transportava vários personagens em grandes viagens simbólicas objetivadas pela fortuna e da revelação dos seus destinos. As embarcações faziam parte da vida dos loucos, expulsos das cidades e enviados para além mar. Uma prática social que para Foucault (1997), representa uma circulação mais significativa do que uma utilidade para a sociedade. De outro modo, garante a segurança dos cidadãos na media em que tenta colocá-los espacialmente em naus permanente. Uma característica do final da idade média, a partir do Século XV, com assombrações no imaginário do homem ocidental. A loucura não está apenas relacionada com mistérios e assombros, no entanto, reside no próprio homem, às suas fraquezas, ilusões e sonhos, representando um sutil relacionamento que o homem mantém consigo mesmo. Aqui, portanto, a loucura não diz respeito à verdade do mundo, mas ao homem e à verdade que ele distingue de si mesmo.

[...] a loucura não está ligada ao mundo e a suas formas subterrâneas, mas sim ao homem, a suas fraquezas, seus sonhos e suas ilusões. [...] a loucura não está mais à espreita do homem pelos quatro cantos do mundo. Ela se insinua nele, ou melhor, é ela um sutil relacionamento que o homem mantém consigo mesmo. (FOUCAULT, 1997, p. 29).

Foi com visões de riqueza e glória reservadas aos descobridores que os chefes de expedição conseguiram manter suas tripulações psicicamente em ação. E as primeiras manifestações do que Sloterdijk (2004) chama de nascimento do sistema mundo. A sociedade pós Século XVIII, portanto, se configura com uma realidade da terapia e do seguro, diferentemente do que acontecia com o momento inicial da globalização apresentada por ele com a formação tomada pela religiosidade. E neste íterim, não podemos deixar de perceber que também existiram tripulantes em busca de uma cura para as frustrações terrestres. É disto que Sloterdijk (2008) remete a realidade da terapia e do seguro, uma tentativa de desembaraçar os “enraizamentos esféricos e suas inibições locais” através do além náutico. Uma idéia de

mediação da condição sobre o Novo Mundo, e neste sentido se produz um regime de idéias pós-metafísicas que possibilitariam a solução dos problemas sociais.

[...] segundo o gosto daqueles que a Terra não satisfaz, mas continuando a apoiar-se no facto original da época moderna, o descobrimento real do Novo Mundo na diversidade inesgotável das suas formas de emergências insulares e continentais **(nomeadamente nas inumeráveis ilhas do Pacífico onde, pense-se, se poderia recomeçar mais uma vez o *experimentum mundi* a partir do zero)**. (SLOTERDIJK, 2008. p. 88, grifo do autor).

Como na história do capitão Nemo citada brevemente por Sloterdijk (2008), “[...] Talvez o *Nautilus* do Capitão Nemo tivesse sido a última nau dos loucos em que um grande misantropo solitário poderia exercer com total soberania a sua recusa de uma humanidade terrestres decepcionante [...]”. Um personagem da literatura escrito por Júlio Verne em duas obras: *Vinte Mil Léguas Submarinas* (1870) e *A ilha misteriosa* (1874). O capitão é o comandante do navio submersível *Náutilus*, uma estrutura móvel completamente autônoma do ambiente terrestre, movido somente pela eletricidade. Seus tripulantes – cortaram todas as relações com os continentes e com a humanidade – sobrevivendo apenas com a alimentação provida pelo mar. Uma situação gerada pela desigual e destruidora sociedade do século XIX, com suas guerras e opressão. O mundo toma conhecimento de sua existência quando ele destrói alguns navios de guerra e o *Náutilus* é confundido com um monstro.

Criou-se, portanto, um desejo do pensamento auto-realizador que imputa ao Novo Mundo uma simultaneidade fantasiosa e realista. Um ambiente novo e restrito de onde se pode emanar riquezas materiais. Sloterdijk (2008. p. 90) afirma também, no capítulo sobre a divisão dos espíritos, que os descobridores instauravam nos tripulantes um ideal de *identidade corporativa*, compartilhando o sentimento do processo de modernização e busca pelo impossível. “Os capitães mais poderosos são os que conjuram com a maior eficácia as suas tripulações na pura progressão para a frente, [...]. Sem um forte e constante fascínio do optimismo a bordo, a maioria das primeiras expedições teria fracassado pelo desânimo”. Uma globalização que gerou

herança no Século XIX com o seu ideal de progresso constante e enriquecimento geral. Mais uma tentativa de ultrapassar as categorias de uma vida sedentária, frente a um ideal de navegação proposto pela felicidade e de imagens sonhas em equipe.

[...] o sonho da sorte grande que nos sai no exterior ajudará os novos globonaltas a olhar cara a cara o terror da exterioriedade. É por isso que os navegadores e as suas tripulações não são apenas puros e simples psicóticos que, tendo perdido a ligação à realidade na sua terra, parecem predestinados a explorar o lá fora. (SLOTTERDIJK, 2008, p. 90).

O homem por muito tem se colocado em constante comunhão com este mundo geometrizado que o forma, e de semelhante modo, é formado por ele. Uma globalização do espaço que provoca tanto viagens físicas, quando enclausuramentos e passeios do espírito. Uma ação que operando pela ambivalência, representa tanto a manutenção pela proteção diante de um mundo perturbador, configurando-se como uma ação anti-esférica, como a tentativa de abstrair-se do grande globo buscando refugiar-se em casas, embarcações e viagens para novas espacialidades. A fuga do mundo real para uma amenização das aflições pessoais. Simmel (1967) estabelece um fio condutor da vida na atualidade correspondido pelo consumo e lucro. Estabelecendo semelhantemente, a idéia de que o dinheiro também associa e liga as coisas e pessoas. O que leva os indivíduos a sofrerem com um grande número de estímulos nervosos, desestabilizando emocionalmente o morador dos grandes espaços urbanos. Como resultado é gerado atitudes de defesa objetivadas por uma manutenção da estabilidade psíquica. Comportamentos superficiais como a intelectualização do *self* (um afastamento do indivíduo feito através de uma espécie de desconfiança excessiva e de uma atitude de reserva) e a atitude blasé (a indiferença do indivíduo que tem ao seu alcance tudo que deseja através da moeda, sem precisar manter contato mais íntimo como os demais cidadãos urbanos).

[...] caracterizada por sua independência essencial até das mais eminentes personalidades individuais. Isso é a contrapartida da independência e é o preço que o indivíduo paga pela independência que desfruta pela metrópole. A característica mais significativa da metrópole é essa extensão funcional para além de suas fronteiras

físicas. (SIMMEL, 1967, p. 10)

Em outras palavras, é instaurado um relacionamento mecânico direcionado a determinados fins e mediado através da moeda. O que segundo Sloterdijk (2008), no capítulo sobre a divisão dos espíritos, colaborou para que os descobridores instaurassem nos tripulantes esse ideal de *identidade corporativa*.

Quando Sloterdijk (2004) inicia a argumentação sobre as muralhas físicas e simbólicas criadas pelo homem para proteger-se, representando na verdade uma ruptura mental com alguma forma de violência ou negação da vida macrosferológica¹⁶, começa apresentando o indeferimento por uma configuração artificial. Uma primeira realização técnica mostrada pelo episódio da Arca de Noé evidente no Antigo testamento bíblico, onde uma casa pode levar a salvação de um povo, neste caso, da própria humanidade. Sloterdijk (2004) evidencia que em outras culturas da humanidade, este enredo também foi encontrado como em muitas culturas extra-bíblica fora da Europa.

Como um exemplo entre muitos citam o mito do surgimento do mundo, que foi generalizada entre os povos do Golfo do *Tongking*: Os seres humanos Primeiros eram muito imperfeitos. Teve a re correr para a frente e foram, aliás, mal formado. [...] Pan-ku teve pena de sua situação miserável e pediu ao céu que o aniquilaram. Através da mediação de uma andorinha Deus enviou uma semente plantada que Pan-ku. A planta que surgiu foi o resultado de uma abóbora tão grande quanto uma casa. Só foi introduzida no *Pan-ku* com sua irmã de três dias e três noites, o dilúvio rompeu, que foram exterminados todos os seres humanos, animais e plantas. [...] Depois de três meses, a irmã deu à luz a uma massa de carne sangrenta, que queria *Pan-ku* de 360 peças. Mas, por engano, fazê-lo e só foram 359. Assim, a última peça foi substituído por uma folha que foi anexado à massa de carne. O resultado foi os seres humanos, os ancestrais das famílias que povoam a terra. (SLOTERDIJK, 2004, p. 220)

A forma na qual estamos organizados na terra, representa uma importante contribuição para elucidar este texto. Para Sloterdijk (2004), o mundo está ligado à idéia de que todas as coisas manifestas estão compreendidas num anel externo de forças ordenadoras invisíveis. Ou seja,

¹⁶ Macrosterologia é o termo utilizado por Sloterdijk no *Esfera* para representar o espaço maior de habitação dos seres humanos, o grande globo.

quem está dentro da esfera é quem estabelece o significado a partir dos fatores externos. O exterior é considerado como figura do interior; como figura do exterior é sacralizado no interior através de qualquer aqui-dentro brilha um interior que foi válido em outra parte. Toda parede substitui uma parede, todo interior se refere a outro interior, toda saída de um interior provoca outra saída.

Os seres humanos são, por conseguinte, seres do limite, onde o espaço que os circundam remete-se a outro espaço. As cavernas, por exemplo, são representações por excelência desta ambivalência na medida em que as marcas pintadas nas paredes criam um novo olhar e uma nova percepção do tempo, um tempo circular que permite ao observador retornar sempre a um ponto inicial. As cidades são uma repetição das antigas cavernas, uma forma através da qual os homens podem estar juntos, não apenas para se proteger ou estar imune, além disso, do ponto de vista técnico: representa uma condição de sobrevivência. É justamente este sentido que o contexto bíblico ou mitológico do dilúvio pode ser entendido. O conceito de arca proveniente do latim remete-se a segurança, esconderijo e segundo Sloterdijk (2004), instaurou uma idéia de auto-isolamento, no qual um grupo se isola de um mundo exterior que se tornou impossível. Constrói-se, por conseguinte, uma casa autônoma, sem vizinhos, bairros, ou qualquer forma de vida humana externa.

Deste modo, asseguramos a tentativa de mencionar sobre uma “cultura da libertação náutica” como um fator cultural de essencialidade daqueles navegadores no início do sistema globalizante através dos mares. De acordo com este vínculo de produção de sentido, observamos que uma das grandes contribuições para o processo de desprendimento terreno foi à criação de uma ideal de além náutico. E desta forma, um processar de informações que foram mediados pela atividade cultural da época. E deste emaranhado, observamos as contribuições dos estudos culturais no campo da comunicação, por meio da contribuição de Jesús Martín-Barbero em seu livro *Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, um importe interlocutor da idéia de mediação. Um acontecimento através do qual se puderam estabelecer os ideais progressistas da *cultura da libertação náutica* criada no nascimento do sistema mundo.

Martin-Barbero (1997) tem um significativo papel na escola latino-americana de comunicação a partir desta obra que religa epistemologicamente a cultura à comunicação, trabalhando com a idéia em cadeia do fluxo da comunicação: envolvendo produtores, produtos e receptores. Fazendo um caminho mais completo do sistema comunicativo, envolvendo o que era sistemático na teoria informacional (emissor, receptor, canal e mensagem) em um ambiente contextualizado pela cultural. Por conseguinte, é através da mediação que se estabelecem os tramas culturais e os sentidos sociais estabelecidos por ela. Portanto, consideramos que a função terapêutica e ekstasiantes dos mares foram concessões criadas a partir das texturas culturais da época movida pelos ideais político-expansionistas que mesmo diante dos traumas vividos nas viagens continuaram freqüentes na busca pela navegação.

Como mostra não importa qualquer olhadela sobre os documentos nos primeiros tempos dos Descobrimento, o empírico e o fantástico andavam indissociavelmente ligados. Como os seus novos *MEDIA*, que se impuseram rapidamente – trata-se da recolha de lendas populares, do relato de viagem, do romance ou da utopia ou da impressão *in-plano* do globo ou do mapa-múndi –, a mediação sobre o verdadeiro Novo Mundo e as suas variantes imaginárias produz um regime de idéias pós-metafísica que vê os seus êxitos se não a uma proximidade palpável, pelo menos a uma distância susceptível de ser atingida”. (SLOTERDIJK, 2004, p. 88).

Neste aspecto, sob o olhar metodológico, vejamos a produção ficcional do Filme o *Show de Truman*, interpretado pelo famoso ator Hollywoodiano Jim Carrey. Um homem comum vendedor de seguros, que vive no subúrbio da cidade de *Seahaven* com sua esposa Meryl. Seu pai morreu em uma tempestade e tem em sua mãe e amigos os vínculos sociais. No entanto, diferentemente dos americanos normais, Truman não sabe que vive em um gigantesco estúdio cujas proporções em forma de bolha podem ser notadas inclusive no espaço. Ele vive um grande reality show criado e comandado por Christif, personagem interpretado pelo ator Ed Harris, onde apenas Truman não tem ciência deste processo de confabulações sobre sua vida. Pelo menos até uma desconfiança gerada a partir de sucessivos erros da produção.

No transito, Truman sintoniza seu rádio na freqüência do diretor que começa a narrar exatamente o que deve ser feito no mundo ficcional e

posteriormente observa um fundo falso do elevador onde se encontram dois funcionários da produção no momento do lanche. Outras situações também colaboram para o deixar perturbado como em uma tentativa frustrada de viajar de ônibus, interrompida porque o veículo simplesmente enguiça; quando Truman tenta viajar de carro, mas se depara com um estranho vazamento da usina nuclear da cidade que o obriga a voltar para casa à força; e principalmente, quando ele chega em casa e sua esposa grita: "Façam alguma coisa!". Iniciando o momento epifânico do personagem, que passa a compreender a existência de algo estranho em seu mundo e parte através de uma embarcação a achar o além náutico desconhecido. Com a chave que codifica uma passagem, uma espécie de fruto do amor desenvolvido pelo relacionamento com uma antiga atriz colocada para fora do show da vida real.

Christif, diretor do programa tem em seu nome uma marca graficamente semelhante à palavra Cristo. Sendo deste modo, considera o pai de Truman – uma possibilidade da não existência do pai intencionalmente no enredo – uma intertextualidade com a noção de divindade, criação. Chegando inclusive a manipular o tempo quando Truman tenta sair de barco da cidade cenográfica, ocasionando tempestade, ciclos de relâmpagos e ondas enormes. Depois da tempestade, as nuvens brancas do céu se abrem e os raios do sol metaforicamente anunciam um novo momento. Mais uma situação intertextual onde se processa através do diálogo entre o “criador” e a criatura, exatamente há uma hora e vinte e sete minutos do filme quando Truman chega a uma porta em uma enorme parede pintada com a imagem de um céu e acha a saída da grande bolha. O personagem ouve uma voz que vem do céu e dialoga com ele, semelhante ao que aconteceu no batismo de Jesus Cristo.

E aconteceu que, ao ser todo o povo batizado, também o foi Jesus; e, estando ele a orar, o céu se abriu, e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea como pomba; e ouviu-se uma voz do céu: Tu és meu filho amado, em ti me comprazo. (Bíblia. Livro de Lucas 3:21 e 22).



Figura 1: **CENAS DO FILME SHOW DE TRUMAN**

A cidade criada ficcionalmente tem cerca de cinco mil câmeras gerenciada em uma lua que permeia o céu artificial da noite de SeaHeaven. A vida de Truman é televisionada 24 horas por dia e ele é o primeiro homem que, há 30 anos, tem sua vida completamente controlada pelos outros. Como programa de televisão, o Show de Truman representa segundo Jost (2004), exatamente um pouco do que existe entre sua contribuição sobre as três configurações, tipos de esferas ou mundos da televisão: o mundo real, mundo ficcional e mundo lúdico. Situando-o no meio do triângulo dos modos de enunciação de Jost (2004), um formato que oscila entre os extremos realidade, ficção e ludicidade. “A ficção propõe ao leitor que ele aceite um mundo totalmente inventado, ao passo que o fingimento faz como se aquele mundo apresentado seja o mundo real ou o próprio mundo”, (JOST, 2005, p. 121). Isto ocorre porque não podemos observar até que ponto pode se real ou ficção para quem estar assistindo e neste debate, para o personagem.

O filme passa a ser um típido portfólio para discutir a tentativa de se criar um novo mundo geometrizado a partir desta idéia de globo. Sua construção representa um grande estúdio em formato esférico como uma tentativa de criar uma nova esfera, interna a macrosfera mas, ficcionalmente replicada do uminiabrangente, uma cosmoteologia¹⁷ onde todo o necessário estaria presente dentro da esfera, inclusive as coisas e o próprio conjunto das coisas, em semelhança ao universal. Mostrando o potencial geral de todos os relacionamentos como mola propulsora a uma crise do espaço, as amarras, arcas, muralhas das cidades, fronteiras do mundo são na verdade sistemas de imunização contra as fissuras naturais da existência.

¹⁷ A tentativa de criar, recriar a própria existência no interior de uma esfera.

Truman, parafraseando a história das grandes navegações, rompeu com o grande útero ¹⁸por meio do mar, rompendo as limitações físicas a partir de uma viagem do espírito que circulava desde sua infância. Como Sloterdijk (2004, p. 219) assegura: “[...] o escudo é o círculo complexo de círculos, o anel dos anéis retroagindo a si mesmo”.



Figura 2: **CENAS DO FILME SHOW DE TRUMAN**

Segundo Appadurai (2004), antes do Século XVIII as interações culturais mudaram de conotação com o advento das conquistas marítimas, momento em que as trocas de mercadorias conquistaram o mundo da migração. Conjuntos de mundos eurocoloniais pensaram após o final do Século XVIII, criando uma base permanente de idéias, chamadas pelo autor de *comunidades imaginadas*. Posteriormente, chegou ao mundo que vivemos caracterizados da imaginação social. Neste imaginário, cinco dimensões são pautadas, com nome sufixado de paisagens, todas referindo a um poder da intercomunicação. Seja através das pessoas, pelo turismo (etnopaisagem), seja pela mídia (mediapaisagem), pelo capital (financiopaisagem), pela tecnologia (tecnopaisagem) ou pela política (ideopaisagem). Todas passaram pelo originário tempo para que fossem reconhecidas como interlocutoras de uma cultura que ousamos dizer, horizontais, ou não cósmicas.

Uma sociedade de relações mecânicas, a qual o medo da solidão, a insegurança de conviver com o outro, a decepção dos relacionamentos, a melancolia da cultura ou a concordância com a cultura do outro, podem levar muitos adeptos a consumir tanto os instrumentos tecnológicos como a se unir através da grande massa. O envolvimento com este universo fomenta a necessidade do inusitado, do novo, do que está para vir, ou da reinvenção de um futuro, há uma necessidade de consumo que se perde no presente, ou da

¹⁸ Sloterdijk trabalha no “Esferas I: bolhas microsferológicas”, com o rompimento com o micro, o indivíduo desde da barriga sendo orientado a partir do outro, sem estar só.

loucura, pelo sujeito estar próximo do objeto, de forma a quebrar sua individualidade. Segundo Peter Sloterdijk, o público que corresponde à massa que não se reúne,

[...] não possui mais, por essa razão um sentimento de corpo e espaço próprios; ela não se vê mais confluir e agir, não sente mais sua natureza pulsante; não produz mais um grito conjunto... As massas atuais pararam essencialmente de ser massas de reuniões e ajuntamentos; elas entraram num regime no qual o caráter de massas não se expressa mais na reunião física, mas na participação em programas de meios de comunicação de massa (SLOTERDIJK, 2000, p. 21).

Quem pensa estar separado fisicamente pode estar mais unido do que lhe parece. Norvall Baitello Júnior¹⁹ sintetiza uma contribuição sobre a humanidade apresentando três catástrofes passadas pelo homem ao longo da história. A última representa uma retomada ao vento, à natureza fluida da informação e dos valores simbólicos, justamente esta viagem não mais no terreno físico, geográfico, mas em uma espécie de metafísica da organização humana. A primeira catástrofe é representada pelo processo de *hominização* com a utilização de ferramentas de pedra. A segunda corresponde à civilização ocasionada pela vida em aldeias, com a conseqüente *sedentarização*. *E a terceira catástrofe*, ainda em formação e sem nome caracteriza-se pela volta ao nomadismo, tornando as casas inabitáveis, ou seja, a macroesferologia inundando os espaços hiper imunizadores como a casa. De acordo com Sloterdijk (2000), este processo de organização na terceira catástrofe estabeleceu uma nova ordem: “Porque com o estabelecimento midiático da cultura de massas no Primeiro Mundo em 1918 (radiodifusão) e depois 1945 (televisão) e mais ainda pela revolução da internet a coexistência humana nas sociedades atuais foi retomada a partir de novas bases”. (SLOTERDIJK, 2000, p. 14)

Baitello Jr. trabalha com a idéia de que as entradas da casa são os buracos pelo qual entram o vento da informação²⁰ com suas imagens técnicas,

¹⁹ Norval Baitello Junior é professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e fundador do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia - CISC.

²⁰ Baitello Jr. apresenta a idéia de que o *espírito do vento* significa o sopro do espírito do homem não visível. Um caminho representado pela imaterialidade caracterizada pelas tecno-imagens, “imagens que fogem do espaço, como espíritos errantes ou nômades sem corpo”.

transmitidas pelas tomadas elétricas. Um novo momento de organização dos homens que os coloca em um novo tipo de peregrinação. Uma viagem que não é mais efetuada pela ação muscular do corpo, pelo contrário, torna-se possível pela navegação ou caminhada do espírito.

O vento, este intangível fantasmagórico, que impulsiona o nômade a seguir em frente e a cujo chamado este obedece, é uma experiência que para nós se tornou representável como cálculo e computação. Começamos a nos tornar nômades não apenas porque o vento sopra pelas nossas casas perfuradas, mas, sobretudo também porque ele penetra em nós. (FLUSSER, 1997. p 156).

A forma de inter-relação dos indivíduos foi cristalizada por um tempo e diante da ciência, até que haja ruptura ou uma invasão da cultura, sendo esta midiática, tida como saturação de informação, a relação provocou conflitos. A mídia utiliza meios de convencimento e estoura como trágica, mas estando o homem inserido neste quadro não tão afetoso, está o tempo humano, próprio, que deposita como objeto interiorizado um controle, embora deslocado em exercício, mas um tempo de beleza por ser máquina humana. Sloterdijk como renomado filósofo, apresentou em anos de pesquisa, uma tentativa de demonstrar os fundamentos filosóficos da história política dos últimos tempos. E neste contexto, Baitello Jr. levanta uma importantíssima contribuição tanto pelo aporte esferológicos em que qualificamos sua teorização semiológica, quanto pelos próprios conflitos aos quais não podemos discutir de maneira mais sedimentada, pois, falamos de um lugar aonde colocamos nossa tentativa de explicação. Deixando de maneira mais clara, escrevemos a partir desta terceira catástrofe. Um período distribuído em universos, do tridimensional para o bidimensional, deste para o unidimensional e conseqüentemente, deste último para o nulodimensional.

Este último universo passa a ocupar cada vez mais as vidas humanas e seu entorno: as coisas (e suas inúmeras versões: os produtos, os objetos, o hardware, a matéria bruta) perdem valor enquanto as não-coisas (e suas igualmente inúmeras manifestações: as marcas, os símbolos, os serviços, o software, o valor agregado, a fama) ganham crescente destaque, importância e valor. (BAITELLO JR, 2010)

Um período no qual o espaço está destinado a seres fluidos como o vento, que aparece e desaparece como a luz, efêmero como o tempo. Uma

grande globalização regida pelas transformações tecnológicas, diferentemente das grandes narrativas anteriores, mas de certos fluxos de comunicação, informação e processo de significação. Uma teoria de organização não apenas cósmica ou terrestre, de outro modo, uma globalização do macro representada pelo global e no micro, pela mente e viagens realizadas nela. Em outras palavras, se no momento inicial vemos a cena Torre Annunziata e geometrização do céu de Platão e Aristóteles, onde os sábios deixavam a polis para pensar a primeira globalização, agora vemos encaminhar – pelo menos até o momento – o programa da terceira catástrofe. “[...] sem nome, aquela que tornou inabitáveis as habitações, empurrando o homem a seguir novamente o seu velho companheiro nômade, o vento, o ‘spiritus’, o ‘pneuma’, o ‘ruach’, em busca do momento germinal do sopro que deu vida ao barro inerte”.



REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. Dimensões culturais da globalização. Trad. Telma Costa. Lisboa: Teorema, 2004.

BAITELLO JR, Norval. Vilém Flusser e a Terceira Catástrofe do Homem ou as Dores do Espaço, a Fotografia e o Vento”. Artigo disponível em: <http://www.flusserstudies.net/pag/03/terceira-catastrofe-homem.pdf> Acesso em 12 de abril de 2010.

FOUCAULT, Michel. A História da Loucura na Idade Clássica. 1997. São Paulo, Perspectiva.

JOST, François. Seis lições sobre televisão. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2005.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. pp. 13-28.

SLOTERDIJK, Peter. Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

_____. O desprezo das massas. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

_____. Esferas II: Globos, macrosferologia. Madrid: Ediciones Siruela. 2004.

_____. Palácio de Cristal: para uma teoria filosófica da Globalização. Tradução: Manuel Resende. Relógio D'Água Editores, Fevereiro de 2008.